



Chrys Chrystello\*

# Silly season

*“Sei que a memória vai fraquejando com a idade e tende a confundir tudo e a dar leituras erradas, mas dos meus 20 anos de Açores, raras vezes tive 15 dias seguidos de sol e com imenso calor, como este ano da desgraça de 2024. No momento em que escrevo a sensação térmica é de 30 °C ...”*

Creio que li nas Escrituras ou seria mais cedo na catequese? que é fatal como o destino quando se lava o carro nas 48 horas seguintes chove. A tradição popular, embora com pouca cientificidade, assim o atesta e eu comprovo que em 9 de cada 10 vezes, assim aconteceu. Há meses que andava para lavar o carro, mas sempre que passava pelo local habitual na Ribeira Grande estava sempre a abarrotar.

Desta feita, tinha o carro há imenso tempo sem ser lavado, cheio de teias de aranha, de presentes de pombos e outras aves, lamas e outras sujidades. Assim, no dia aprazado como dispunha de tempo disponível só esperei 40 minutos para o lavar... Na manhã seguinte acordei com uma chuva miudinha, morrinha à moda do Porto, como eu costume dizer.

A temperatura baixou levemente para os 24 °C (o recorde do dia é de 1954 com 28 °C) e prevê-se que amanhã regresse o bom tempo. Sei que a memória vai fraquejando com a idade e tende a confundir tudo e a dar leituras erradas, mas dos meus 20 anos de Açores, raras vezes tive 15 dias seguidos de sol e com imenso calor, como este ano da desgraça de 2024. No momento em que escrevo a sensação térmica é de 30 °C ...

Vim agora do pátio, onde estive a tratar das plantas que se têm reproduzido bem, em especial os catos a que agora se convencionou chamarem “suculentas,” talvez por alguém estar a morrer de fome e sede e ter-se servido deles para sobreviver, digo eu, com a minha cara sardónica...

Se não nos tivesse deixado, em janeiro, a minha mulher teria imensas dificuldades com este calor excessivo e humidade, dados os problemas respiratórios do enfisema. Nos últimos anos aqui nos Açores passara a preferir o frio ao calor. Não suportaria já aquele que apanhamos no último ano em Bragança (2005) quando tivemos -12 ° no inverno e no verão, num dia em que fomos à Eucísia (Alfândega da Fé) apanhamos 43 °C!!!

Nada a despropósito leio esta citação de Bukowski “*E quando ninguém te acorda de manhã, e quando ninguém te espera na noite, e quando você pode fazer o que quiser. Como se chama? Liberdade ou solidão?*” Charles Bukowski. Eu sei a resposta e não quero esta liberdade a que chamo solidão..., mas bem pior foi o caso do casal descoberto há dias nos arredores de Castelo Branco, ela acamada morreu (de fome e sede?) sem assistência médica pois o marido sexagenário teve morte natural e ali ficaram os 2 em lento estado de decomposição.... Isso sim é solidão, nesta sociedade de vasos comunicantes estanques em que todos somos desconhecidos, mesmo que aparentemente amigos no Facebook ou noutra rede social. Provavelmente teriam filhos e netos que os ignorariam, pois viveriam longe, preocupados com as suas vicissitudes sem tempo de pensar nos velhos.

Penso nisto e dos filhos que tenho, morreria sem que soubessem, restando-me a filha que adotei há 30 anos que cuida de mim à distância do telefonema diário para lhe fazer a prova diária de vida. Irónico quando penso que os dias mais felizes da vida foram (13.8.86) quando nasceram a filha na Austrália e o mais novo (10.9.1996) ... Se o alarme não fosse dado com o telefonema diário da filha pelas 20.45, seria a governanta que pela 5ª fª seguinte me encontraria ainda não muito decomposto nem mumificado. É um pensamento que me ocorre amiúde, em especial quando estou no duche.

Quase tão frequente como o pensamento do sismo no chuveiro, saio de lá como Adão no Jardim de Éden (nem sou Adão nem a Lom-ba da Maia é o Éden), tento vestir-me?, agarro numa toalha? ou a sobrevivência antes que tudo?

Recordo sempre algumas das cenas hilariantes que a Nini contava. Um dia ao passar em frente ao Parque da Prelada (Monte dos Burgos, Porto) vinha um elefante no meio da rua e se dirigia para o nosso Fiesta. Fui lesto a sair do carro para a segurança do passeio, deixando a desgraçada da condutora, minha mulher, para enfrentar o paquiderme. (Estava um circo aboletado no Parque de Campismo e os animais tinham ido dar uma volta).

Outra vez em Macau (1980 ou 81), depois do meu programa de rádio fôramos cear, eu, a minha ex-mulher e um meu cunhado, a um restaurante quase em frente ao Hotel Estoril na Sidonau Pasi (Avenida Sidónio Pais) e ao fundo num canto estavam uns 4 ou 5 indivíduos que pareciam das seitas.... antes da primeira cadeira voar, já estava eu a acelerar, no passeio em frente, ao volante do Toyota Cellica à espera que a mulher e o cunhado se me juntassem.

Tenho outras cenas de escapatória, melhor descritas nos meus livros *Crónica Açores*, mas por aqui se pode calcular que em caso de sismo, seria “*ó pernas para que te quero e os pruridos e constrangimentos sociais viriam depois*”. Não entendo como as restantes pessoas não têm pensamentos ou temores destes.

Por exemplo, morrer na sanita deve ser altamente desagradável, e de odor desaconselhável, para quem viesse a descobrir o cadáver. Outra morte que, inversamente ao descrito me faz sorrir, é aquela em que o idoso que saiu numa missão de infidelidade conjugal (com ou sem Viagra) desfalece eternamente em pleno ato, merecendo um epitáfio do género “*viveu infeliz mas teve uma morte santa...*” Mais pena teria eu da sua companheira de ocasião que podia ficar traumatizada. Nem de propósito a 11 de agosto era noticiado que

*Uma mulher chinesa pediu aos médicos que desligassem as máquinas de suporte de vida do marido, de 38 anos, que tinha tido uma hemorragia cerebral em casa da amante — uma decisão controversa que lançou um aceso debate na sociedade chinesa. O caso aconteceu em Liaoning, no nordeste da China. (<https://zap.aeiou.pt/teve-uma-hemorragia-cerebral-em-casa-da-amante-a-mulher-desligou-lhe-o-suporte-de-vida-619564>)*

Claro que eu e a maioria queríamos morrer no sono, para ao acordar nos apercebermos que o sonho nunca terminava. Seria o despertar numa nova dimensão. Já não acredito num céu de anjos e querubins com um São Pedro de barbas longas a verificar a lista de convidados... Como já muitos dizem, agora que o Papa proclamou que não havia Purgatório, esse limbo, essa antecâmara de melhores momentos, creio que devemos interiorizar em termos de céu e inferno que este é aqui na terra enquanto vivemos... pelo que o melhor é ser otimista e imaginar que a outra dimensão será algo melhor do que esta...

Atualmente não acredito na reencarnação, talvez não seja bem acreditar, mas antes a negação do profundo temor, o de regressar como (por exemplo) barata, *cucaracha* nunca.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713